

EDITORIAL

Diogo Henrique Helal¹

2022 se inicia com velhas preocupações, mas com esperança renovada, de que seja um ano de mudanças e avanços, na luta contra as desigualdades que assolam o nosso país. A fotografia que ilustra a capa desta edição - “Brasília Teimosa, Recife, 07 de setembro de 2021, 17:05” - traz esse mote, mostrando os contrastes tão comuns às paisagens urbanas brasileiras.

Traz a imagem de Brasília Teimosa, bairro da região sul de Recife (PE). Área de pescadores, situada entre o bairro do Pina e o Recife Antigo, centro histórico da cidade; entre as palafitas e os novos espigões, fruto da especulação imobiliária na região. O bairro é a ocupação mais antiga do Recife, resistindo desde a década de 1950, a pressões pela sua retirada. A foto foi feita durante minha travessia em um pequeno barco, no último dia 07 de setembro, de Brasília Teimosa para a Praça do Marco Zero, no Recife Antigo. Brasília Teimosa, teimando em sobreviver, (in)dependente e ativa, linda e dourada.

Nesta edição, faço também o registro e o agradecimento às e aos 26 avaliadoras e avaliadores, que contribuíram com importantes pareceres ad hoc, de artigos submetidos ao longo do ano de 2021. São professoras e professores, de Norte a Sul do país, que dedicaram tempo, leitura, e muito empenho na elaboração de pareceres construtivos para as autoras e autores da RBEQ. Agradeço a vocês, pelo diálogo, compromisso e dedicação à RBEQ.

Compõem também este número, outras oito contribuições, sendo sete artigos e 1 uma resenha de livro.

Em “Produção flexível na indústria automotiva: abordagem por múltiplos níveis de análise em subsidiárias no sul-fluminense”, Pedro Luiz Maitam Filho e Ana Lucia Guedes, a partir de uma pesquisa interdisciplinar em quatro subsidiárias automotivas no sul-

¹ Editor-chefe da Revista Brasileira de Estudos Organizacionais. Pesquisador Associado da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ) e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD - da Universidade Federal de Pernambuco. Bolsista Produtividade em Pesquisa (Pq-2), do CNPq. Doutor em Sociologia e Política, pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre e Bacharel em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco.

fluminense, analisam a rede de produção global automotiva, as barganhas nos municípios anfitriões, e a reestruturações do trabalho operacional. Como resultado de entrevistas com pesquisadores da indústria, prefeituras, sindicato regional e praticantes das montadoras, as análises mostram que: a dispersão das montadoras colide com questionamentos à desmobilização política local e o retrocesso trabalhista; a defasagem em salários e qualificação contraditam o senso de emprego de massa nas montadoras; e a alta taxa de desistência e precariedades relatadas pelos operadores desconstruem rótulos de cultura organizacional flexível automotiva.

Luiz Alberto da Costa Mariz, no ensaio “A gestão dual da produção capitalista e sua evolução: variações na relevância do gerente”, trata da natureza do trabalho gerencial na produção capitalista e sua evolução, com base na categoria da dualidade formulada por Marx. Discute como a dualidade obriga o próprio capitalista a assumir uma parte do trabalho coletivo, algo incompreendido mesmo por importantes autores que adotam uma análise marxiana. O artigo, por fim, considera que, no capitalismo industrial, a gestão é parte intrínseca da relação capital-trabalho, sendo a própria condição e até a existência dos gerentes, subordinadas às variações dessa componente das relações de produção.

“Ao som de Belchior: uma experiência auditiva-musical sobre o mundo das startups”, de autoria de Eduardo Carneiro Lima e Vitor Sergio Ferreira exploram alguns dos percursos dos *startupper*s a partir de uma experiência auditiva-musical, da escuta e da aproximação das músicas de Belchior com o mundo das *startups*. A partir das músicas do álbum *Alucinação* e de três entrevistas de Belchior, foram discutidos alguns de seus processos criativos, em uma aproximação entre as fronteiras da arte e da ciência. O artigo apresenta uma síntese argumentativa e duas proposições reflexivas: (i) a ideologia salvacionista dos líderes contemporâneos cujas histórias são consideradas “de sucesso” e recaem sobre as *startups* e os *startupper*s; e (ii) as práticas empresariais disfarçadas de “ajuda” para a exploração de *startups* e da força de trabalho de jovens *startupper*s.

A seguir, Greice Martins Gomes, em “Meia volta, volver! Como o populismo de direita brasileiro legitima a militarização”, discute o uso de estratégias discursivas de legitimação utilizadas pelo atual governo para promover a militarização, a partir da análise de textos produzidos sobre o Programa das escolas-cívico militares. Os resultados apontam que, no discurso populista atual, a legitimação moral é articulada como uma forma de moralismo

compensatório. Já na legitimação por racionalização a militarização seria aquilo capaz de criar sujeitos melhores ajustados socialmente.

Em “El peso del capital en la determinación del desarrollo tecnológico. Del uso capitalista de la máquina al software del control digital”, Alejandro Espinosa Yáñez discute a ciência e a tecnologia, como parte do empreendimento capitalista. A partir dessa posição analítica, disserta sobre a incorporação do capital em máquinas até os modernos mecanismos de controle digital mais abertamente aplicados na modalidade de teletrabalho, como novas formas de controle do espaço. Para o autor, esse desenvolvimento tecnológico é concebido e projetado especificamente para monitorar, controlar e avaliar, reunindo conglomerados de trabalhadores sob o esquema de atividades de trabalho, mas separados no espaço, o que torna ainda mais ilegível a dominação e a exploração.

Camilla Rodrigues Netto da Costa Rocha, Rodrigo Guimarães Motta e Vinicius Erchov, em “Menos ódio, mais ética: as contribuições da análise discursiva sobre a atual gestão paulista do judô”, partindo de uma disputa em curso no cenário do judô brasileiro, analisam os elementos discursivos utilizados na construção de um discurso de ódio, a partir da análise de uma matéria da Revista Budô. O estudo conclui que o ódio é tido como legítimo pelo enunciador, a partir do momento em que há a marcação do antagonista, possibilitada pela delimitação do protagonista, em conformidade com a noção de simulacro de Maingueneau (2005) e, ainda, que existe um paralelo entre o discurso de ódio aqui identificado e o fenômeno do anti-petismo.

Em “Metassíntese em estudos de caso sobre conhecimento e expansão de fronteiras organizacionais”, Sergio Filipe Chaerki, Karine Francisconi Chaerki, Queila Regina Souza Matitz, Adriana Roseli Wunsch Takahashi buscam compreender a relação do conhecimento na expansão das fronteiras organizacionais. Para isso, foi utilizada uma metassíntese cuja primeira busca resultou em 22 trabalhos, que depois de classificados e codificados, resultaram em 4 estudos de caso que serviram de base à pesquisa. Concluiu-se que a relação entre conhecimento e fronteiras intangíveis relacionadas à cognição dos atores chave nas organizações têm grande influência nos processos de expansão de fronteiras organizacionais. Indicou-se ainda que os estudos organizacionais precisam entender e explorar a natureza processual do compartilhamento de conhecimento e expansão de fronteiras organizacionais como resultado intrínseco do *organizing* no contínuo processo de *becoming* organizacional.

Finaliza esta edição, a resenha de Greice Martins Gomes, Ney Roberto Vátimo Bruck, “Reflexos sociais de uma (paliativa) expulsão da dor”, do livro “A Sociedade Paliativa: a dor de hoje”, publicado em 2021 e escrito por Byung-Chul Han (1959) filósofo sul-coreano, professor da Universidade de Berlim e autor de ensaios e críticas sobre a sociedade de nossos dias.

Renovando meus votos por um 2022 melhor e menos desigual, desejo aos leitores e leitoras uma ótima leitura!